

# Exílio e nostalgia em *A noite da espera*, de Milton Hatoum

Tânia Sarmento-Pantoja<sup>1</sup>  
Carlos Augusto Carneiro Costa<sup>2</sup>

**Abstract:** This study analyzes the novel *A noite da espera*, written by Milton Hatoum, trying to understand some issues related to the narrator's construction and the theme of nostalgia, taking into account the 1970's Brazilian social conflicts, more specifically those related to the military dictatorship and the experience of exile.

**Keywords:** Exile; Nostalgia; Military Dictatorship.

**Resumo:** O estudo analisa o romance *A noite da espera*, de Milton Hatoum, com o objetivo de compreender algumas questões ligadas à constituição do narrador e o tema da nostalgia, levando em conta os conflitos sociais brasileiros da década de 70, mais especificamente aqueles ligados à ditadura militar e a experiência do exílio.

**Palavras-chave:** Exílio; Nostalgia; Ditadura Militar.

## Introdução

Publicado em 2017, *A noite da espera* é o primeiro romance da trilogia intitulada *O lugar mais sombrio*, ambicioso projeto do escritor amazonense que relaciona um drama familiar com acontecimentos da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Neste primeiro volume, a narrativa é ambientada na cidade de Brasília e protagonizada por um jovem que, aos dezesseis anos, vive o impacto da separação dos pais, a angústia sobre o paradeiro de sua mãe e a perturbadora experiência do exílio.

O presente estudo analisa o referido romance com o objetivo de compreender algumas questões ligadas à constituição do narrador-personagem Martim, em face da experiência do exílio, no contexto dos conflitos sociais brasileiros da década de 70. A leitura da obra permite compreender que é predominante a expressão de um sentimento de tristeza e frustração do narrador pelo fato de sua mãe e ele terem se separado, e pela distância da namorada e dos amigos. Semelhante sentimento Martim desenvolve em relação ao país, uma vez que a narrativa se constitui por meio incursões memorialísticas do narrador que se encontra exilado na França. Assim, o estudo considera a experiência do exílio como elemento estruturante da história contada. Além disso, outras duas hipóteses convergem com os impactos formais produzidos por essa experiência, a saber: a) o narrador é constituído por um processo de nostalgia, nos termos conceituais explicados por Jean Staro-

---

1 Doutora em Estudos Literários pela UNESP. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e do Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios, Identidades (PPGCITI) da Universidade Federal do Pará. Coordena o Grupo de Pesquisa "NARRARES – Estudos de Narrativas de Resistência".

2 Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Professor de Estudos Literários da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Coordena o Grupo de Pesquisa "Representações da violência na narrativa brasileira contemporânea".

binski, no livro *A tinta da melancolia: uma história cultural da melancolia*; por Stuart Tannock em *Nostalgia critique*, e por Svetlana Boym em *Mal-estar na nostalgia*. Esse sentimento é direcionado a, pelo menos, quatro situações de ruptura: com a mãe, com a namorada, com os amigos e com a pátria. O plano de escrita da narrativa, caracterizado pelo sentimento nostálgico, determina as relações do narrador com a memória do seu recente passado; b) A nostalgia se sobrepõe à ideia de melancolia porque Martim não é tomado por sentimentos que o impelem a isolar-se do mundo ao seu redor e a desistir da vida, sintomas próprios do sujeito melancólico.

O estudo é dividido em três partes. A primeira faz uma apresentação geral do romance *A noite da espera*, procurando mostrar seu processo de construção à luz de elementos próprios do romance epistolar, sua relação com o contexto histórico brasileiro da década de 70, e a conflituosa relação familiar estabelecida na narrativa, entendida como mote de toda a trama. A segunda reflete sobre os conceitos de luto, melancolia e nostalgia, com a finalidade de fazer articulações com o objeto de estudo. A terceira e última parte analisa o romance, considerando a experiência do exílio e das “rupturas” engendradas na narrativa. Interessa compreender como a ruptura com o país, os amigos, a namorada e, principalmente com a mãe, constitui-se como um fator nostálgico para o narrador e como essa nostalgia é formalmente elaborada na perspectiva do sujeito exilado.

### Formas e formatos da ficção em *A noite da espera*

A composição do romance *A noite da espera* realiza movimentos de apropriação relacionados às formas do diário e da epístola. Esses movimentos apropriativos possuem função de concatenar temporalidades e movimentar importantes informações para o desenvolvimento do enredo, a exemplo das várias indicações de datas, com referências aos anos de 1967 e 1978, e lugares, notadamente, São Paulo, Brasília, Paris.

Nesse complexo que envolve temporalidades e cenários metropolitanos Paris ganha destaque, por ser o lugar onde o narrador se encontra exilado, no presente da narrativa. É em Paris que ele produz e organiza anotações e recebe cartas de seus amigos do Brasil, que o deixam informado acerca do que se passa no país, e com quem ele troca mensagens saudosas e reflete sobre as dificuldades do exílio e sobre as condições que o provocaram. A rememoração se faz, portanto, através de anotações intermitentes feitas em cadernos, cadernetas, folhas soltas, guardanapos, cartas e diários de amigos, elementos que desencadeiam o processo de construção da obra. Ainda como parte dessas formulações ficcionalizantes destacamos ainda a auto-intertextualidade estabelecida a partir do diálogo com crônica narrativa intitulada “Exílio”, publicada em 15 de abril de 2004, no jornal Folha de São Paulo, posteriormente republicada na antologia *Um solitário à espreita* (2013).

Nesse sentido, a datação das cartas e a forma do diário se apresentam como importantes artifícios literários para ligar a história narrada a acontecimentos históricos, indo, dessa forma, além da simples contextualização histórica dos fatos narrados. Desse modo, em *A noite da espera* o recurso à fragmentação é um procedimento ficcional redundante, na medida em que o efeito fragmentário que envolve o conteúdo epistolar é ainda mais realçado pela presença de outras unidades textuais que vem à narrativa na forma do diário ou da anotação e é desse modo que projeta uma realidade narrada com base nas noções de vestígio e trabalho memorialístico.

Conforme Nascimento (2012, p. 37) “a escrita epistolar seria uma forma de ‘colapsar o espaço entre o dizer e o dito’”. Significa dizer que as cartas têm um papel agregador entre a história narrada e a história vivida no presente da narração. Essa organização narrativa invoca aspectos importantes para a *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2005, p. 7) imbuída no romance porque permite ao leitor participar de forma ainda mais presente da história, chegando ao ponto de incorporar, por processo de empatia (GINZBURG, 2012), a mesma angústia do narrador Martim quando está à espera de alguma carta de sua mãe.

A história é ambientada na recém-criada capital brasileira, na década de 1960, mais precisamente no ano de 1967. Martim vive um drama familiar ocasionado pela separação dos pais. Sua mãe, Lina, casada há vários anos com Rodolfo, separa-se e passa a viver com o amante, um artista, cuja identidade se mantém anônima ao longo da história: “[...] um artista, um pintor. Sabia apenas isso do homem que seduziu minha mãe. Em 22 de dezembro de 1967 ela saiu de casa e foi viver com o artista. Essa decisão inesperada, talvez intempestiva, me perturbou” (HATOUM, 2017, p. 19).

Desse modo, toda a trilha argumentativa da história se constitui pelo drama da separação, pela busca pela mãe, pela difícil convivência com o pai e a iniciação do protagonista na vida política do país, no contexto do estado de exceção. Depois da separação, Martim e o pai vão morar em Brasília. Em pouco tempo, conhece Jorge Alegre, um português dono de uma livraria e crítico ao governo militar, e começa a trabalhar na livraria. Inicia seus estudos secundários. Integra-se a um grupo de estudantes de artes cênicas, do qual faz parte Dinah, por quem o narrador-protagonista se apaixona. Em princípio, Martim não se envolve diretamente na política e a rigor não pode ser visto como militante político, contudo, aos poucos ele vai sendo inserido numa rede de ações de resistência contra o governo ditatorial, ora como participante, ora como testemunha, num contexto em que acontecem as manifestações, as invasões policiais ao colégio, a prisão de professores e alunos. Paralelamente, Lina, sua mãe, deixa de fazer qualquer tipo de contato e esse silêncio se torna uma das experiências afetivas mais dolorosas para o protagonista, ao mesmo tempo em que progride como um grande mistério, para o qual não haver respostas.

A certa altura da narrativa Martim e outros amigos são presos, evento detonador de um processo de reflexão em torno da ausência da mãe e da conflituosa convivência com o pai. Após uma conversa com sua namorada, resolve deixar o país. É, portanto, a partir de um pequeno apartamento em Paris que todos esses acontecimentos chegam ao conhecimento do leitor.

Do ponto de vista formal, a narrativa absorve a experiência estilizada da ditadura militar, período em que ocorreram vários conflitos que acabaram na tortura, morte e no desaparecimento de centenas de pessoas que fizeram resistência ao regime. O AI-5 (Ato Institucional nº 5) foi o que tornou a ditadura ainda mais repressiva. Deu plenos poderes para o governo agir com forte violência sobre os opositores do regime. A partir desse Ato, a imprensa, a cultura e os movimentos sociais foram censurados. O terror se espalhou pelo Brasil por meio de uma série de perseguições baseada na justificativa da lei da segurança nacional (GORENDER, 1990). O acirramento da resistência, no contexto da luta armada, forçou a vivência clandestina de muitos militantes guerrilheiros. Para boa parcela deles, o exílio imposto ou o autoexílio foi uma opção para a manutenção da vida.

Em entrevista ao Programa *Nexo*<sup>3</sup>, acessível no canal *Youtube* Milton Hatoum reflete sobre um autoritarismo estrutural que estaria profundamente presente na cultura brasileira, afirma ser o romance um espaço de crítica ao poder e, sobretudo, espaço de reflexão sobre a modernidade, especialmente nas cidades. O escritor também reflete sobre a ideia de fratura social, ao mesmo tempo em que a concebe como uma questão permanente em seus romances, nunca desjuncta da elaboração da memória. Ao referir-se mais especificamente ao romance *A noite da espera* Hatoum diz não tratar-se de um romance político, ainda que o passado ditatorial mais recente se faça presente na forma de um extrato temporal importante para a condução da narrativa.

Essas assertivas de Hatoum nos remetem a um dos principais argumentos desenvolvidos pelo historiador Marcos Napolitano em *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. Ao refletir sobre o papel da censura Napolitano organiza a relação entre o estado repressor e as ações repressivas em três momentos: o primeiro se dá entre 1964 e 1968, com o objetivo de Napolitano “*dissolver as conexões entre a ‘cultura de esquerda’ e as classes populares*” (NAPOLITANO, 2014, p. 100). O segundo ocorre entre 1969 e 1978 e tem a finalidade de “*reprimir o movimento da cultura como mobilizadora do radicalismo da classe média (principalmente dos estudantes)*” (p. 100). O terceiro momento ocorre entre 1979 e 1985, e visa “*controlar o processo de desagregação da ordem política e moral vigentes, estabelecendo limites de controle e linguagem*” (p. 101).

O desenvolvimento das relações estabelecidas com a história do regime civil e militar de 1964, em *A noite da espera*, capturam esses movimentos repressivos, com repercussões drásticas sobre a vida do protagonista, especialmente porque Martim, como muitos dos jovens que participaram dos movimentos de resistência ao estado de exceção, frequentava espaços vistos como perigosos pelo poder ditatorial e participava de encenações críticas ao governo. É, aliás, por conta desses envolvimento que Martim termina por ser preso e depois segue para o exílio, condição que irá concentrar a reflexão do narrador sobre o drama pessoal vivido por ele. No decorrer da entrevista Hatoum procurar mostrar que o romance é sensível à ideia de que a resistência contra o regime é parte de um grande processo de iniciação – política e sentimental – experimentada pelo protagonista, sendo isso também um aspecto fundante da narrativa, para além da demanda pela genitora desaparecida.

## Faces sombrias da perda: luto, melancolia e nostalgia.

Antes de falar propriamente da nostalgia, é importante traçar umas breves palavras sobre a memória, uma vez que ela está intimamente ligada com questões do passado e a narrativa de *A noite da espera* é sem dúvida movida pelo trabalho memorialístico.

Em suas narrativas Milton Hatoum costuma manejar muito bem a fragmentação como base para representar o processo memorialístico, ao mesmo tempo, sobreposto à memória das experiências do escritor, acomodadas à narrativa na forma do vestígio biográfico. Essa condição reverbera especialmente sobre o modo como o espaço é apresentado nos romances. Em grande parte deles os cenários indiciam o espaço da cidade de origem, Manaus, com possibilidade de estender-se ou transmutar-se para outras cidades, como ocorre

---

3 HATOUM, Milton. Entrevista. *Nexo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RpRrVL9MreA>. Acesso em: 28 maio 2018.

no romance *Cinzas do Norte* (2005), com cenas no Rio de Janeiro e também na Europa. Em *Órfãos do Eldorado* (2006), o espaço é alternado entre Manaus e Belém do Pará. No romance *A Noite da Espera* o protagonista está no exílio em Paris e, de lá, rememora o tempo em que viveu em Brasília, cidade para onde Hatoum mudou-se aos 15 anos a fim de completar seus estudos.

No âmbito da narrativa de Hatoum, a memória tem um papel essencial, pois traz, à margem do romance sob o olhar do narrador, relatos que irão compor a história. É justamente na compreensão de um presente ávido pelo passado que reside a dicção com a noção de nostalgia, que queremos desenvolver. Falar do passado, olhar para ele como algo bom, ainda que não se faça mais presente no momento em que se rememora, pode significar uma tomada de atitude saudosista, entendida como nostalgia. Mas, antes, seria interessante pensar na ideia de melancolia, porque no romance *A noite da espera* cintilam situações que podem ser compreendidas como melancólicas.

Em *Luto e melancolia*, Freud (1917) elucida importantes aspectos sobre a estrutura e o processo de enlutamento e melancolia. Explica os sintomas do indivíduo que apresenta um profundo sentimento de tristeza e abatimento provocados pela perda de um objeto. Conforme Freud o sujeito enlutado reage naturalmente à perda de uma pessoa amada, de modo que o sofrimento se apresenta por um determinado período, cessando com o passar do tempo. É comum que uma vez enlutado o sujeito se isole, apartando-se ou retirando-se da vida coletiva, pois seu estado emocional se encontra abalado pelo reconhecimento psíquico da perda. No luto, ainda segundo o autor, o sujeito tem clareza das razões de seu sofrimento, aceita-o e o compreende como um processo natural. Retoma, em algum momento, a rotina e os afazeres cotidianos e, progressivamente, substitui o objeto perdido por outro.

No caso da melancolia, Freud afirma que esta é percebida por meio de um abatimento intensamente doloroso, igualmente provocado pela perda. O sofrimento é potencializado com a diminuição da autoestima e da cessação da vontade de amar e de viver. O paciente se isola do mundo exterior e passa a construir seu próprio mundo, um mundo sombrio caracterizado pela culpabilização e rebaixamento de si, o que pode levá-lo ao suicídio como forma de auto-punição. Na melancolia, o sofrimento incessante relaciona-se, portanto, à perda de um ideal representado pelo objeto perdido. A dor sentida em razão do objeto perdido é tão intensa, tão obscurecedora, que o sujeito perde a clareza sobre as razões do sofrimento, não sendo mais capaz sequer de identificar o que foi originariamente subtraído de si.

Portanto, luto e melancolia são movidos pela perda, mas no luto o sofrimento se direciona ao objeto perdido, enquanto na melancolia a perda é a motivação em si mesma da dor.

Haveria espaço, então, para outra condição relacionada à perda, além dessas previstas por Freud? A nostalgia, que em grego significava o “retorno da dor”, poderia ser uma resposta a essa pergunta? No livro *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza* (2016) Jean Starobinski afirma que o conceito de nostalgia, na acepção médica, foi desenvolvida no século XVII, quando em convergência com a expressão latina *desiderium patriae* (ou saudade da pátria), foi concebida como uma doença produto da experiência do exílio. Uma segunda acepção, de uso vulgar, teria se desenvolvido no século XX, na medida em que o termo ganha popularidade. Starobinski vale-se de uma citação de Philippe Pinel para mostrar o funcionamento da nostalgia enquanto adoecimento:

Os principais sintomas [...] consistem num ar triste, melancólico, num olhar estúpido, olhos às vezes desvairados, rosto às vezes inanimado, um desgosto geral, uma indiferença por tudo; o pulso ora é fraco, lento; ora é rápido, mas apenas sensível; uma sonolência um tanto cons-

tante; durante o sono, algumas expressões escapadas junto com soluços e lágrimas; a quase impossibilidade de sair da cama, um silêncio obstinado, a recusa de bebidas e de alimentos, o emagrecimento, o marasmo e a morte (PINEL, apud STAROBINSKI, 2016, pp. 218-219).

Starobinski, entende que desde o século XIX não é mais possível entender a nostalgia como doença, mas como uma espécie de condição afetiva, vinculada à falta de adaptação do sujeito à realidade a qual deve estar integrado (STAROBINSKI, 2016, p. 222).

Para outros campos de conhecimento – notadamente a psicanálise pós-freudiana e a filosofia – a nostalgia se mostra como uma estrutura das relações sensíveis na modernidade ocidental, porém associada à potências conservadoras ou hegemônicas na sociedade. Contribuições contemporâneas têm deslocado o conceito para outras possibilidades de leitura. É o caso, por exemplo, de Stuart Tannock (1995) ao defender que há diversidade de necessidades pessoais e desejos políticos para os quais a nostalgia vem a ser uma resposta ou alternativa, porém sem deixar de reconhecer que a estrutura retórica da nostalgia contém limitações para a interpretação e ação histórica, justamente por esse apego a um passado que não passa, cuja mirada pode empolar o entendimento do presente. Svetlana Boym, por sua vez, a define como:

[...] um desejo por um lar que não existe mais ou nunca existiu. Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também uma fascinação com a própria fantasia. O amor nostálgico só pode sobreviver em um relacionamento à distância. A exposição dupla ou a sobreposição de duas imagens – da terra natal e da estrangeira, do passado e do presente, do sonho e da vida cotidiana – é uma boa imagem cinematográfica da nostalgia. No momento em que tentamos encaixá-las em uma única imagem, ela rompe o quadro ou queima a película (BOYM, 2017, p. 153).

Nesse sentido, nossa hipótese aqui caminha através da ideia de que a relação fascinada da experiência nostálgica se sobrepõe e é retroalimentada por uma relação fascinada com o tempo. Mais propriamente por um desejo de reunião no interior de um interlúdio temporal. Com vistas a essa argumentação inicial tomamos de Boym as seguintes diretrizes:

Primeiro, a nostalgia não é anti-moderna; ela não é necessariamente oposta à modernidade, mas sim contemporânea a ela. Nostalgia e progresso são como Jekyll e Hyde: pares e imagens espelhadas um do outro. A nostalgia não é apenas uma expressão de saudade local, mas resultado de uma nova compreensão do tempo e do espaço que faz a divisão entre local e universal possível.

Segundo, nostalgia parece ser a saudade de um lugar, mas é na realidade um anseio por um tempo diferente – o tempo de nossa infância, dos ritmos mais lentos de nossos sonhos. Em um sentido ainda mais amplo, a nostalgia é uma revolta contra a ideia moderna de tempo, o tempo da história e do progresso [...].

Terceiro, a nostalgia, a meu ver, nem sempre é retrospectiva; pode ser igualmente prospectiva. As fantasias sobre o passado, determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro. A consideração do futuro nos faz assumir a responsabilidade por nossas fábulas nostálgicas (BOYM, 2017, pp. 153-154).

É importante perceber que as duas conceituações médicas do termo *nostalgia*, que referimos anteriormente, envolvem de alguma forma o termo *melancolia*. Isto é, pode-se entender que num processo nostálgico, a melancolia se faz presente de alguma forma.

Talvez não em sua forma clínica integral, como conceituada por Freud, ou tal como nos ensaios médicos levantados pelo estudo de Starobinski, mas alguns elementos da melancolia podem estar presentes no desenvolvimento de um comportamento ou atitude nostálgica, especialmente pela presença de um lamento que não se esgota, que não termina, contudo, por mais que possuam elementos afins, esses adquirem formulações específicas seja na melancolia, seja na nostalgia. Boym estabelece um limite entre ambas as condições: “Diferentemente da melancolia, que se restringe aos planos da consciência individual, a nostalgia trata das relações entre a biografia individual e a biografia de grupos ou nações, entre as memórias pessoal e coletiva” (2017, p. 154).

É possível falar em melancolia no romance *A noite da espera*, mas isso só pode ser feito de duas formas. Primeiramente, se se considera que o narrador-personagem Martim desenvolve um sentimento de culpa por uma “falta” sua com seus amigos de escola. Depois, se se considera que o processo de escrita, enquanto produto da imaginação artística, é sempre determinado pelo espírito melancólico, ou seja, o trabalho intelectual tem profundas ligações com o estado melancólico do sujeito. Vejamos como essas duas situações podem ser examinadas, uma a uma.

Como visto anteriormente, no texto *Luto e Melancolia* Freud fala que uma das características do estado melancólico é que o sujeito sente culpa pela perda do objeto amado e que essa culpa pode lhe conduzir a uma “delirante expectativa de punição”. Levando essa afirmação em consideração, pode-se perceber que Martim se culpa por não ter estado presente em uma reunião com os amigos da escola, na ocasião em que eles foram presos pela polícia de Brasília. Culpa a si mesmo por estar livre enquanto seus amigos ficaram sofrendo na prisão:

Um covarde. É o que penso hoje, quase dez anos depois, nesta tarde sufocante de verão [...]. Um covarde que virou as costas para a manifestação. Lembro que fiz um último esforço de coragem para ir ao encontro de Dinah e dos meus amigos, o destemor deles me animava, e até Vana, medrosa e insegura, estava lá com o Nortista. Ainda dei uns passos na plataforma da rodoviária rumo à W3 Sul, mas a voz de Rodolfo surgia como uma advertência de um grande perigo: “Se você for preso mais uma vez, só Deus vai te libertar (HATOUM, 2017, p. 51).

Ele se culpa inclusive por ter obedecido a ordem de seu pai, de não ir ao encontro e correr o risco de ser preso. Tendo em vista esse processo de culpa, é válido afirmar que Martim encontra na escrita uma forma de expiar a culpa, uma forma de dizer aos amigos que ele se arrepende de ter lhes abandonado. Noutra passagem ainda mais impactante, esse sentimento de culpa reaparece:

A voz de Dinah, ausente, era a voz que eu imaginava nas cartas que minha mãe não escreveu para mim. Já começava a ver a capital e o meu passado com olhos de desertor, me sentia culpado e acovardado por fugir, por não ter ido à reunião da Tribo na hora marcada, por não dividir com os meus amigos uma cela da polícia política, uma culpa que crescia, como se fosse um crime. Uma traição à tribo de Brasília. Na solidão da viagem, uma parte da minha vida saía de mim, o coração dividido pela amargura e a esperança: não sabia se ia rever Dinah, quem sabe se encontraria minha mãe... (HATOUM, 2017, p. 236).

Com base nesse trecho, também é possível crer que o fato de Martim se dedicar a uma vida monótona tenha a ver com essa expiação de culpa, além do fato de que esse modo de vida triste tenha a ver com a nostalgia de tudo o que envolve sua vida no Brasil.

O narrador fala da culpa, da traição e se sente amargurado (melancólico) e esperançoso (nostálgico, espera pelo reencontro, pela volta).

Outra questão importante diz respeito à melancolia como elemento essencial do trabalho intelectual. Neste caso, não se trata de um sofrimento profundo causado por alguma experiência dolorosa de perda que leva a um estado de doença, como afirma Freud em seu estudo. Mas se trata simplesmente de que o espírito intelectual e criativo é nutrido por um estado melancólico que estimula a reflexão.

É exatamente sobre isso que fala Aristóteles no livro *O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX, I*, quando afirma que os seres de exceção, ou seja, intelectuais e artistas, são formados por uma combinação de substâncias corporais que elevam o estado melancólico ao mais alto nível, permitindo com que eles desenvolvam de forma muito refinada seu trabalho reflexivo. De acordo com o autor, esses sujeitos “são superiores aos outros, uns no que concerne à cultura, outros às artes, outros ainda à gestão da cidade” (ARISTÓTELES, 1998, p. 95).

Nessa mesma esteira de pensamento, Walter Benjamin, no livro *Origem do drama barroco alemão*, afirma que o espírito de tristeza do sujeito melancólico estimula a capacidade intelectual, pois ele possibilita um estado de alma propício para o desenvolvimento da inteligência e da contemplação, dando vazão à genialidade, à nobreza do espírito: “a melancolia inclui as coisas mortas em sua contemplação, para salvá-las” (BENJAMIN, 1984, p. 179).

No romance *A noite da espera* há uma passagem que dialoga com as considerações feitas pelos dois filósofos: “Sem sofrimento não se entende a tirania, nem mesmo a própria vida” (HATOUM, 2017, p. 114). Nessa fala, percebe-se o reconhecimento de duas coisas por parte do narrador: por um lado, ele se refere ao sofrimento imposto pela opressão da ditadura, do pai e por todas as formas de opressão e limitação dos atos humanos; por outro lado, o narrador se refere ao próprio procedimento de escrita do romance como algo que requer sofrimento. Ou seja, para se entender a tirania e a vida, o sofrimento é algo inevitável. Como a escrita é uma forma de compreender essas duas coisas, o narrador está destinado ao sofrimento enquanto estiver desenvolvendo o trabalho reflexivo e contemplativo, que é o trabalho do espírito melancólico. Portanto, o romance também tem uma ligação com essa ideia de melancolia porque o narrador se coloca na função de escritor e reflete sobre o seu doloroso trabalho de escrita, dando ênfase à questão do sofrimento que envolve a sua criatividade, sobretudo na experiência do exílio.

Isto posto, voltamos à hipótese de que *A noite da espera* é um romance que pode ser lido com base na da reflexão sobre a categoria nostalgia. Nesse sentido, este estudo prefere falar de nostalgia e não de melancolia porque com base nas citações acima e nas observações sobre a melancolia no romance em tela é possível observar que nem todos os elementos ligados à melancolia fazem parte do universo narrativo do romance de Milton Hatoum, especialmente aqueles presentes na constituição do narrador-protagonista Martim.

Além disso, conforme dito anteriormente, Martim sofre continuamente em razão dos laços físicos abruptamente rompidos com a mãe, rompimento potencializado pelas tentativas infrutíferas de encontrá-la, pelo mistério e estranheza que envolvem a localização da genitora e, finalmente, pelo exílio por razões políticas. O lamento e a tristeza advindos dessas situações são, portanto, dolorosos, angustiantes e contínuos. Contudo, não lançam o protagonista na condição patológica que identifica, de maneira definitiva, o estado melancólico. Ou seja: a espera é lancinante, noturna, mas ainda uma espera: ainda uma esperança no retorno do objeto perdido, convertida no desejo de estar com a mãe, de reunir-se a ela e de nessa reunião voltar a gozar do prazer de estar em uma realidade que lhe é confortável.

E mais: há o reconhecimento desse processo por parte de Martim, através da simbolização do objeto perdido por meio da linguagem, no âmbito da intimidade da narrativa epistolar.

É nesse sentido que o estudo acredita, primeiro, que a nostalgia se sobrepõe à melancolia em *A noite da espera*, porque Martim não é tomado por um abatimento profundo e por uma tristeza constante que o impedem de seguir o curso da vida. Ele não demonstra vontade de morrer, não há nenhuma passagem no romance que o mostre a mergulhar no isolamento do mundo. Entretanto, é visível que ele experimenta o isolamento em relação a tudo o que conhece – a família, os pais, a namorada, os amigos, o país – em função do exílio por motivações políticas, o que dificulta ainda mais a possibilidade de contato com a mãe. Esse exílio, essa distância da pátria e as consequências que essa distância promove na vida afetiva do sujeito é entendida por Starobinski como algo doloroso que pode ser pensado com base na concepção da nostalgia: “[...] é preciso examinar as condições em que um homem se afastava de seu lugar natal. Uma coisa é partir munido de dinheiro, tendo livremente escolhido o itinerário e a duração da ausência, outra coisa é se afastar obrigado a isso, para viver uma vida dependente e monótona” (STAROBINSKI, 2016, p. 209). Nesse caso, pensando em *A noite da espera*, é possível afirmar que Martim exilou-se não por decisão própria, mas pelas circunstâncias políticas do país, portanto um exílio forçado porque ele discorda da forma autoritária de governo. Sua ida para a França seria indesejada, caso o país estivesse sendo governado de forma democrática.

Segundo, mesmo quando ainda no Brasil Martim é constituído por aquele desejo de reunião ao qual já nos referimos que, sem dúvida, se encontra encaixado na estrutura da retórica da nostalgia, conforme as indicações que cercam o conceito. A residência em Paris, no exílio, apenas vem reforçar ainda mais essa condição. Nesse sentido, não podemos deixar de citar mais uma vez o raciocínio de Boym, para quem o nostálgico “sente-se sufocado dentro dos limites convencionais de tempo e espaço” (BOYM, 2017, p. 154).

A sufocação, enfim, a experiência no-limite, que atinge a relação fascinada com o tempo nos parece fundamental para a categorização da nostalgia, na medida em que compreendemos não ser determinante em qual tempo ou espaço se dá a experiência nostálgica, mas a mirada retroativa que a envolve, pois o cerne dessa experiência vem a ser, sobretudo, a fantasia da reunião com o objeto perdido – uma ficção compensatória. Vale salientar que nesse processo, da mesma forma como ocorre no luto e na melancolia, propostos por Freud, salvo quando a nostalgia ganha visibilidade através das tintas do ufanismo, também podem estar presentes a tristeza, a paralisia e a apartação, obviamente com intensidades e configurações próprias.

Seguimos Freud em relação à noção que nos parece, enfim, ser o limite entre cada uma das categorias: reconhecimento. Presente no luto, ausente na melancolia, imprescindível na nostalgia. O reconhecimento é efetivo na condição nostálgica, por isso a escrita nostálgica é sempre marcada pela metarreflexibilidade. O nostálgico *sabe* onde está o objeto perdido, *sabe* porquê de não reunir-se a ele, *sabe* que é possível *confundir* a sua agoridade com a agoridade perdida (e desejada) e o faz e, sua via de simbolização é o trabalho memorialístico.

Desejos de reunião: A nostalgia como (e)terna espera na experiência do exílio.

Em uma palestra intitulada “Literatura e exílio”, proferida em Viena, em 3 de abril de 2000, Roberto Bolaño afirma entender o exílio como “vida ou atitude perante a vida”.

Esse entendimento vincula-se ao que já foi mencionado aqui sobre as opções de diversos membros da resistência à ditadura no Brasil. O caminho da clandestinidade dentro do próprio país ou migração forçada, o desterro, como estratégia de sobrevivência, não se realiza sem a experiência da nostalgia. Referindo-se ao exílio imposto a centenas de espanhóis durante a guerra civil, Maria Luiza Tucci Carneiro (1997, p. 70) comenta que “para aqueles que se viram obrigados a buscar refúgio em outro país a sensação era de perda, de mutilação”. Entretanto, “a certeza da volta”, que “sempre os animava” (p. 71), é a condição fundamental para a manutenção da vida. Volta motivada por princípios éticos e afetivos com o país de origem. Daí que, se o exílio é estratégia consciente e política de sobrevivência, a nostalgia corresponderia, conforme a leitura de Starobinski, como estratégia psíquica inconsciente de sobrevivência, mecanismo bem diferente da melancolia.

No romance de Hatoum, o processo nostálgico em torno da ausência da namorada se dá em momentos em que o narrador, dominado por momentos de isolamento e tristeza em Paris, volta seu pensamento para o passado vivido no Brasil e reúne lembranças do tempo de sua escola em Brasília. É nesse espaço que se dá o relacionamento dele com Dinah. Não dá para separar de forma muito clara um momento específico em que Martim relembra apenas da namorada. Geralmente suas lembranças vêm compostas por um misto de coisas, como na passagem abaixo:

Os trechos que tocou me entristeceram, e a lembrança de acordes tão melódicos me lançou para o tempo presente, ainda mais sombrio: esta madrugada parisiense, longe do Brasil, sem meus amigos, sem Dinah e Ângela, sem minha mãe. Fantasmas que surgem a qualquer momento entre o anoitecer e a primeira luz da manhã... Talvez seja isto o exílio: uma longa insônia em que fantasmas reaparecem com a língua materna, adquirem vida na linguagem, sobrevivem nas palavras... (HATOUM, 2017, p. 210).

Nesta passagem, é descrita uma situação em que Martim escuta uma pessoa nas ruas de Paris tocar uma música cuja melodia conduz seu pensamento para o Brasil. Automaticamente, ele consegue articular lembranças fragmentadas da pátria, da namorada, dos amigos e da mãe, e ainda faz referência a eles como fantasmas, como algo que o assombra cotidianamente. Faz uma reflexão sobre o que seria o exílio e cogita corresponder a esse contato interminável com as imagens do passado, com os “fantasmas” que não consegue arrancar do seu presente.

Starobinski se refere a uma relação existente entre o processo nostálgico e a melodia. Para ele, a melodia provoca um efeito rememorativo na pessoa e faz com que ela conduza sua memória quase instantaneamente para o passado, para o momento em que aquela melodia se fez viva e marcou algum importante momento na vida do sujeito. Fala da existência de uma “teoria acústica da nostalgia”, ou seja, o despertar de uma lembrança através da escuta de uma música: “Exílio, músicas alpestres, memória dolorosa e terna, imagens douradas da infância: esse encontro de temas conduz a uma teoria ‘acústica’ da nostalgia que contribuirá para a formação da teoria romântica da música e para a definição mesma do romantismo” (STAROBINSKI, 2016, p. 2015).

Assim como a passagem citada do romance ilustra a nostalgia de Martim em relação à namorada, ela também ilustra a nostalgia em relação aos amigos. Juntos, em Brasília, eles viveram momentos importantes de formação intelectual e, de acordo com essa questão da melodia exposta por Starobinski, eles escutavam músicas e provavelmente essa que Martim diz escutar nas ruas de Paris fez parte de algum momento marcante com seus amigos.

Outro trecho em que aparece essa questão da nostalgia em relação à Dinah e aos amigos é o momento do início da ruptura e do distanciamento de Martim em relação à cidade de Brasília e a tudo o que ali havia construído em termos de amizade, memória e afetividade:

[...] O lago e o Plano Piloto se distanciaram, como se submergissem às minhas costas. O cheiro, as vozes e visões de Brasília morriam e voltavam: o ar cristalino das manhãs na Asa Norte, as aulas na escola e no campus, as caminhadas nas trilhas até a beira do Paranoá, o rosto de Dinah, os lábios de Ângela, meus amigos enfileirados na tempestade, a ausência do Nortista, a voz do embaixador Faisão falando da África, de poetas e do cerco final, tudo se misturava na turvação da distância. A capital perdia a sua forma, e o cerrado, cercado de vazio, era uma perspectiva sem pontos de fuga. Mas restava a história... (HATOUM, 2017, p. 235).

O narrador faz referência ao cheiro das coisas de Brasília. Assim como a música pode tornar o sujeito nostálgico, o cheiro também pode, uma vez que está ligado a uma percepção específica da memória, como o cheiro de um perfume que remete ao passado. Também é importante destacar a descrição da paisagem de Brasília feita pelo narrador, assim como a descrição de características de alguns de seus amigos como algo que faz falta no seu cotidiano no exílio, porque estava acostumado com essa convivência. Starobinski (2016, p. 212) diz que “a nostalgia é um transtorno íntimo ligado a um fenômeno de memória”. Levando em consideração essa fala, é possível perceber que quando Martim é tomado pela lembrança da sua vida no Brasil, ele desenvolve sensações que indicam certo transtorno, justamente porque a nostalgia o deixa triste, o deixa com a imaginação desarranjada, porque seu pensamento sempre toma uma mesma direção, como afirma Hofer na citação feita por Starobinski.

Ainda conforme Hofer, o sujeito nostálgico tem um desejo constante de “retorno à pátria”, esse terceiro elemento motivador da nostalgia em Martim. Starobinski usa a expressão latina *desiderium patriae* para se referir à saudade da pátria que é típica do sentimento nostálgico de quem é arrancado ou obrigado a deixar o seu país. É o que se pode perceber na seguinte passagem: “Nem tudo é suportável quando se está longe... / A memória ofusca a beleza desta cidade” (HATOUM, 2017, p. 13). Aqui o narrador se expressa por meio de dois versos de um poema de autor desconhecido. Usa esses versos para expressar sua grande tristeza em Paris e para ressaltar que diante da dor insuportável de estar longe, as lembranças que tem são a única coisa que pode ajudar a mantê-lo vivo. A descrição que faz do espaço onde vive em Paris também carrega um tom de tristeza e dureza: “Durmo neste quatinho em forma de trapézio; o teto é inclinado, só posso ficar de pé quando me aproximo da mesinha encostada na parede da janela” (p. 13). Certamente, esse espaço é diferente daqueles em que Martim vivia, tanto em São Paulo quanto em Brasília. O desconforto do seu presente no exílio o leva a ter lembranças nostálgicas da sua moradia no Brasil.

É importante entender que a nostalgia é definida basicamente pela saudade de algo que se viveu no passado, que não faz parte do presente, mas que o sujeito em processo nostálgico vive diante da possibilidade de poder viver de novo. Por isso pensado como algo que foi bom e que se perdeu. Uma importante passagem em *A noite da espera* sintetiza o problema da relação entre exílio e nostalgia. O narrador faz uma diferenciação entre o que significa ser expatriado e o que significa ser exilado de seu país. Pode parecer uma comparação confusa pela tênue explicitação da diferença: “Um expatriado pode esque-

cer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta” (pp. 14-15).

É possível dizer que a ideia de expatriação seja algo forçado: alguém que é expulso do seu país por alguma questão política. No caso da ideia de exílio, seria associada a uma decisão pessoal de alguém que está inconformado com a situação política de seu país e resolve ir embora por iniciativa própria. Mas o sentido das duas palavras, em consulta a qualquer dicionário, será o mesmo, o do exílio, por vontade própria, ou contra a vontade. Porém, considerando a possível diferença sugerida pelo narrador, é possível pensar que ele se coloca na condição de exilado, de um sujeito que, como ele mesmo diz, não consegue se desvincular das lembranças de seu país. A saudade é muito maior e merece mais atenção do que as coisas do seu cotidiano no exílio. Essa concentração na falta encontra eco não só na retórica da nostalgia, pois como bem observa Tannock (1995) a “nostalgia funciona como a busca pela continuidade” e é através dela que procuramos nos orientar ao nos sentirmos desagregados no presente, mas, sobretudo, na própria estrutura da experiência do exílio.

Por fim, a imagem da mãe figura como último elemento ligado à nostalgia pela ruptura e pelo distanciamento vivido por Martim, mas longe de ser o mais frágil. Nesse caso, são vários momentos na obra em que é possível perceber a saudade do narrador em relação à mãe, não só porque eles se separaram, mas também e principalmente por causa do sumiço dela, pelo fato de ela não dar notícias ao filho sobre seu paradeiro e inclusive não comparecer ao encontro que tinham combinado na cidade de Goiânia. Por conta destas condições Martim vive uma angústia em relação ao estado emocional da mãe. É o que é possível perceber na seguinte passagem: “Há um mês não abro este caderno: interrompi minhas anotações com uma pergunta: ‘Por que eu *penso* que ela sofre?’ Ainda não sei responder. Só agora, final de junho, consegui escrever algumas páginas, que começaram com um ato político e terminaram com um beijo de Dinah e uma batalha” (HATOUM, 2017, p. 62). Ele se preocupa com o sofrimento dela, indaga-se sobre se ela está bem. Esta dúvida e a dificuldade para achar respostas levam o narrador a ter dificuldade de escrever.

Noutro trecho do romance, o narrador calcula o tempo em que está sem ver a mãe e fala da separação como algo que ocorreu contra a sua vontade, assim como o fato de ter ido para o exílio: “São quase cinco horas da quarta-feira. Não dormi esta noite, a última com Dinah em Brasília. Enquanto escrevo, penso nesta separação indesejável, e recordo o adeus da minha mãe. Cinco anos. Uma fotografia e algumas cartas remendadas” (p. 234). Em momento anterior, Martim narra o momento em que teve que se despedir de sua mãe: “Escutei uma voz meiga e um choro sufocado, depois senti o corpo da minha mãe: o abraço mais demorado e triste da minha vida de dezesseis anos” (p. 25).

O sentimento de tristeza pela distância de tudo o que envolve sua vivência no Brasil é demonstrando ainda mais forte no seguinte trecho: “Num dos cadernos de 1971 há poucas frases, poemas em farrapos, inacabados: a escrita refêem da depressão que me paralisou” (p. 127). Ainda nas páginas iniciais do romance *A noite da espera* já é possível perceber o tom que vai ser dominante no decorrer de toda a história: a tristeza constante do narrador, seu humor abatido e certos incômodos aparentemente alucinatórios provocados por conta da distância e da separação de sua mãe: “Manhã escura, meu mau humor cresceu com a lembrança do sonho” (p. 13); “Eu não sentia frio, sentia a vertigem da distância, da separação” (p. 26).

De acordo com Starobinski, uma das principais razões que contribui com a tristeza do ser humano se dá na circunstância da separação entre o sujeito e seu seio familiar, especialmente entre ele e a figura materna, como uma representação dolorosa da ruptura do cordão umbilical. Nesse ínterim, irrompe um sentimento muito negativo no sujeito, porque ele era acostumado ao lar e aos carinhos da mãe. O autor afirma que isso ocorre “talvez porque muitos deles jamais tenham deixado a casa familiar; porque nunca penetraram um meio diferente. Então, para eles é difícil esquecer os cuidados com que sua mãe os cercava” (STAROBINSKI, 2016, p. 210).

Essa situação é muito forte na vida de um ser humano e resvala na representação literária que tematiza esses assuntos. É o caso do personagem Martim, que tem que conviver com a ausência da mãe e alimentar a expectativa de que eles se reencontrem um dia. Essa (e)terna espera, aliada com a dor da separação, promove nele o sentimento nostálgico, pois, ainda de acordo com Starobinski, é possível afirmar que o narrador do romance tem “saudades da infância, das ‘satisfações orais’ e dos mimos maternos” (HATOU, 2017, p. 210). O desapego da figura materna é algo muito doloroso que nem o tempo e a distância são capazes de aliviar em Martim. A opção pela escrita é uma forma de o narrador diminuir a dor e o sofrimento causados pela ruptura e de alguma maneira alimentar a possibilidade do reencontro, pois, nas palavras dele são impressas expressões que indicam que ainda tem pretensões de reencontrar a mãe. Sua angústia é demonstrada pelas vezes que tenta relembrar a imagem dela e, mesmo assim, expressa dificuldade: “Tentava recompor o rosto da minha mãe; me lembrava dele aos pedaços, como peças de um quebra-cabeça em lugares e tempos diferentes. Como juntar essas peças e armar o quebra-cabeça?” (p. 90).

O efeito delirante da nostalgia pode ser entendido na circunstância em que o sujeito rememora o passado como se estivesse vivendo de novo, levando o sujeito a crer que ele está realmente vivendo e sentindo coisas que na verdade não existem mais. É o que afirma Starobinski sobre a nostalgia: “a ilusão da quase presença do passado, desdobrada no sentimento doloroso da separação” (STAROBINSKI, 2017, p. 213). No romance, é possível perceber esse efeito delirante da nostalgia na ocasião em que Martim está à espera da sua mãe em um hotel em Goiânia, depois de terem marcado um reencontro frustrado:

No quarto do Grande Hotel em Goiânia terminei a leitura, fiz anotações e passei o resto da noite numa quase vigília, à espera da mulher que bateria à porta e dormiria ao meu lado. A crença de que a qualquer momento ela chegaria dificultou meu sono, eu emergia assustado de um cochilo e via o rosto da minha mãe num lugar sombrio do quarto, ou deitada na cama, o corpo quieto e frio como o de uma morta; essas visões, entre o milagre e o sobrenatural, me assustavam e me deixavam prostrado na longa noite da espera (HATOU, 2017, p. 98).

Essa passagem indica que tudo gira em torno da (e)terna espera pela mãe. A imaginação do narrador percorre seus trejeitos e traços físicos. Ele chega a sonhar de forma delirante com ela na condição de um cadáver. É importante perceber que nessa passagem é recuperado o título do romance, quando o narrador se refere à “longa noite da espera” pela mãe. Outro dado importante é que a história é narrada a partir do tempo e do lugar que o narrador ocupa alguns anos depois de sua ida para o exílio. Portanto, esse episódio da espera pela mãe no hotel é rememorado pelo narrador em 1978, em Paris, aproximadamente dez anos depois de ter acontecido. A questão da nostalgia, então, não se faz presente no momento do episódio, mas no momento em que o narrador conta sua história.

Há outra passagem no romance em que é visível a ideia do delírio e da nostalgia em relação à figura materna, o que reforça ainda mais mediação feita aqui com a ideia de Starobinski sobre o apego aos “mimos” maternos e ao espaço do lar da infância:

No último domingo do mês, enquanto sonhava com uma carta imaginária em que Lina marcava um novo encontro em Goiânia, vi o rosto dela emergir das águas do Paranoá e tapar a outra margem e o cerrado. De repente esse rosto de contraiu, asfixiado, até se dissolver na noite. E, pela primeira vez, uma vaga lembrança da infância me deixou confuso na beira do lago quieto: vozes e gritos que vinham de um quarto trancado, no apartamento paulistano do Paraíso (STAROBINSKI, 2017, p. 128).

Esse episódio ocorre depois de Martim ir ao encontro frustrado com a mãe em Goiânia. O narrador diz ter sonhos com a carta que ela lhe manda marcando o encontro. Acorde sobressaltado e tem falta de ar. Daí em diante diz que lembra de situações da infância, quando morava com os pais em São Paulo. Todos esses acontecimentos correspondem ao processo nostálgico de Martim. Como não consegue promover uma ruptura dentro dele mesmo com esse passado que é muito significativo por causa da questão afetiva com a mãe (apesar das dores que essas memórias trazem para o seu presente), ele continua vivendo com a presença de sua imagem, sempre à sua espera.

A espera é desse modo o ponto fulcral da relação entre exílio e nostalgia em *A noite da espera*. Não só porque a experiência do exílio justifica, predispõe e facilita o trabalho memorialístico, cuja modalização caminha confortavelmente no romance sobre a forma do diário, da epístola e da anotação, ao mesmo tempo em que torna visível o estofado do arquivado cultural e historiográfico que dá lastro à narrativa, através das constelações dêiticas já mencionadas em outro momento deste estudo. É por meio desse estofado que os dados históricos estouram como gêiseres a casca da ficção, nesta narrativa.

É fulcral, sobretudo, porque a narrativa faz emergir a experiência do exílio na tensão entre a nostalgia acrílica, que “aborda o passado como uma fonte estável de valor e significado” (TANNOCK, 1995, p. 455) ao mesmo tempo em que, através da nostalgia crítica, expõe com sucesso as formas de violência e as crises motivadoras das instabilidades do passado que continuam por repercutir no presente. Em outras palavras: enquanto, segundo Tannock, a nostalgia acrílica ou regressiva tende a distorcer ou romantizar o passado, a nostalgia crítica ou progressiva assume uma postura reflexiva.

A nostalgia que envolve Martim mostra bem essa tensão: se por um lado o protagonista encontra-se preso nas malhas da nostalgia acrílica, refém da saudade, refém da espera, especialmente da mãe desaparecida, e aqui é preciso salientar que a espera parece tolher a capacidade avaliativa do protagonista, de outra parte, o sumiço da mãe, incomum, mas comum em estados de exceção como o testemunhado por Martim e motivador de seu exílio, permanece um mistério para o personagem, mas encontra possibilidades de elucidação no âmbito global da narrativa, que paulatinamente se constrói enquanto crítica da nostalgia.

Para finalizar, Tannock (1995, p. 454) propõe que é preciso identificar o que foi excluído da representação do passado para sabermos se estamos diante de uma nostalgia progressiva ou regressiva. Como observado acima em *A noite da espera* não temos uma ou outra forma de nostalgia. O que temos é sem dúvida a tensão entre as duas possibilidades, tensão que não se dissolve em epílogo fácil e que mantém esse romance de Hatoum também voltado a uma mirada interessada sobre um dos lugares mais sombrios da história do Brasil.

## Referências

- ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX*, I. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2017. (Obras escolhidas; v. 1).
- BOLAÑO, Roberto. “Literatura e exílio”. *Caderno de Leitura n. 22*. Edições Chão da Feira. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1562257/mod\\_resource/content/1/Bola%C3%B1o%20Literatura%20e%20Ex%C3%ADlio.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1562257/mod_resource/content/1/Bola%C3%B1o%20Literatura%20e%20Ex%C3%ADlio.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2019.
- BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 23, Abril, 2017, p. 153-165. Disponível em <https://hh.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/1236/678>. Acesso em 20 de agosto de 2019.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Literatura de imigração e literatura de exílio: realidades e utopias”. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, Año 23, No. 45 (1997), p. 67-80. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4530892>>. Acesso em: 31 ago. 2009.
- COSTA, Carlos Augusto. “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”: ressonâncias históricas em Cinzas do Norte de Milton Hatoum. *Publicação do CEPE*, v. 10, p. 1-12, 2008.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 170-194.
- GINZBURG, Jaime. “Exílio, memória e história: notas sobre ‘Lixo e purpurina’ e ‘Os sobreviventes’ de Caio Fernando Abreu”. In: \_\_\_\_\_. *Crítica em tempo de violência*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2012, p. 403-415.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990.
- HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. Entrevista. *Nexo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RpRrVL9MreA>. Acesso em: 28 maio 2018.
- HATOUM, Milton. Entrevista. *Drauzio Entrevista*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hc8CT4s7yJ0>. Acesso em: 28 maio 2018.
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- PINHEIRO, Veridiana Valente. *Melancolia e resistência em Milton Hatoum*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.
- PINTO, Daniel Muletaler. *A tarefa de um narrador: abandono e melancolia no romance de Milton Hatoum*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia e COSTA, Carlos Augusto

TANNOCK, Stuart. (1995) Nostalgia critique. *Cultural Studies*, 9: 3, 1995, p. 453-464.  
Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09502389500490511>>.  
Acesso em: 01 set. 2019.

Recebido em: 15/09/2019; Aceito em: 30/10/2019